



umanitas

74

até uma tradução para Português da totalidade do estudo. Urge reflectir com argumentos rigorosamente alicerçados.

INÊS DE ORNELLAS E CASTRO

iorncastro@netcabo.pt

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

<https://orcid.org/0000-0002-4392-4487>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_74_14

PLUTARCO. *Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário de Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva, Coimbra – São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, 2017, 108 pp. ISBN: 978-989-26-1392-5; ISBN digital: 978-989-26-1393-2

Recensão submetida a 26-06-2018 e aprovada a 22-11-2018

Este volume é constituído de sete partes: Introdução, redigida por Ana Maria César Pompeu, que também assina o capítulo seguinte – “Aristófanes em Plutarco: um *agón* às antigas”; “Menandro em Plutarco. A arte de fazer rir com bom gosto e elegância”, da autoria de Maria de Fátima Silva; “Plutarco e os cómicos” e a tradução do “Epítome da comparação de Aristófanes e Menandro”, ambos da responsabilidade de Maria Aparecida de Oliveira Silva; Referências bibliográficas e Índice de autores e passos citados.

Na introdução, é feita uma brevíssima exposição sobre a comédia em Roma (desde o seu aparecimento até ao Período Imperial) para justificar a pertinência do conhecimento deste opúsculo plutarquiano. Em seguida, explica-se a organização do livro e resume-se o conteúdo dos capítulos que precedem o texto do epítome, descritos como “estudos propedêuticos” à tradução (p. 12).

O primeiro capítulo, “Aristófanes em Plutarco: um *agón* às antigas”, é composto de quatro partes. Na introdução, AMCP comenta os passos de Aristófanes a que o autor do epítome recorre para criticar o uso que o comediógrafo faz da linguagem (*Moralia* 853B-C). A segunda parte, “A adequação do estilo aos personagens”, consiste numa breve reflexão sobre a importância da parábase na comédia aristofânica. A terceira, “Imitação do pior”, é consagrada à avaliação do heroísmo dos protagonistas da obra do autor de *Cavaleiros*, na esteira de Whitman (1964). Na conclusão, AMCP

considera a estratégia de argumentação utilizada por Plutarco no epítome uma espécie de apropriação da técnica aristofânica de inverter o louvor e a injúria, pois, apesar de pretender criticar a obra de Aristófanes e elogiar a de Menandro, o biógrafo cita os versos do primeiro e não os do mais conhecido representante da Comédia Nova.

O segundo capítulo, “Menandro em Plutarco. A arte de fazer rir com bom gosto e elegância” é um texto claro e amplamente anotado, dividido em quatro partes. Na introdução, MFS assemelha o opúsculo em estudo aos tradicionais *agônes* da Comédia Antiga, nomeadamente às *Rãs* de Aristófanes, posto que em ambos os casos se comparam autores de renome que cultivam diferentes géneros literários. Em “Fundamentos de um contraste”, apresentam-se os argumentos para justificar as críticas feitas pelo Queroneu a Aristófanes e a sua preferência por Menandro. Resulta evidente que as diferenças de estilo entre ambos os comediógrafos – visível sobretudo no âmbito da linguagem – derivam da necessidade de agradar a públicos com gostos diversos (ou, por outras palavras, de respeitar o *kairos*). Na segunda parte, “Menandro, um paradigma de equilíbrio e moderação”, constatando que os exemplos textuais apresentados no epítome são da autoria de Aristófanes, MFS propõe-se exemplificar, com excertos de *Epitrepontes* (uma das peças de Menandro parcialmente conservadas), as características que o polígrafo tanto aprecia no cultor da Comédia Nova. Na conclusão, MFS defende que o elogio feito por Plutarco a Menandro não corresponde à valorização das qualidades artísticas do autor mas antes ao reconhecimento da adequação do seu texto a situações específicas da vida social. E acrescenta, em contraste com a perspectiva do Queroneu, a avaliação relativa que os estudiosos modernos fazem dos dois comediógrafos: embora a Comédia Nova seja mais monótona do que a Antiga, acabou por se tornar mais conhecida por causa da influência que exerceu, através da comédia romana, na evolução do género cómico.

O terceiro capítulo, “Plutarco e os cómicos”, da autoria de MAOS, está dividido em três partes. Na primeira, “Plutarco e a tradição literária grega”, procura-se justificar a razão pela qual Plutarco cita sobretudo fontes gregas (mesmo no contexto das biografias de romanos). Na sua perspectiva (apoiada por Russell 1973: 54), tal não se deve ao facto de o Queroneu desconhecer o idioma do Lácio ou de não ser fluente nele e sim ao desapeço pela argumentação dos autores latinos, que davam mais importância ao estilo formal do discurso do que à natureza filosófica dos argumentos. Além disso (cf. Duff 2008: 2), seria uma forma de o Queroneu mostrar a

utilidade da literatura grega para a formação dos romanos. Na segunda parte, “Aristófanes em Plutarco”, MAOS recorda os passos das biografias gregas e romanas em que o polígrafo cita o cultor da Comédia Antiga como “fonte histórica de cunho anedótico” (p. 67) e discute as razões que o terão levado a fazê-lo. Na terceira, “Menandro em Plutarco”, comentando brevemente os excertos em que o biógrafo alude a Menandro, a autora salienta o facto de este apenas ser citado uma vez nas *Vitae*, conquanto mencionado de forma mais abundante nos *Moralia*. Por fim, a quarta parte deste estudo, “A comparação de Aristófanes e Menandro”, serve, de forma mais directa, de introdução à tradução propriamente dita.

O último capítulo do volume corresponde à tradução do texto de Plutarco, que, parece-nos, poderia ter sido um pouco mais cuidada. Por exemplo, em *Moralia* 853A-B, ocorrem as formas verbais *eipein*, *fesin*, *legei*, *lego* e *fesin*, todas elas traduzidas por formas do verbo *dizer*, embora talvez fosse preferível ter encontrado uma maneira de reflectir a variedade presente no grego. Apesar da cuidada revisão de que a obra certamente foi objecto, houve uma troca na ordem do texto. Assim, entre *Moralia* 853C (p. 86) e 853D, surge parte do texto 853E, graficamente enfatizado pela identificação do passo com numeração a negrito. De resto, a colocação da numeração nas páginas diverge do que é habitual (nos *Classica Digitalia* e não só) – na margem esquerda nas páginas pares e na direita nas ímpares: neste volume, surge sempre no corpo do texto, entrecortando-o, o que torna a leitura do texto menos fluída.

A secção destinada às referências bibliográficas tem uma estrutura bipartida: existe um segmento destinado às edições e traduções, outro aos artigos, capítulos e livros. As referências são adequadas aos estudos e à tradução apresentados, no entanto, no primeiro rol, a informação sobre a tradução de *Cavaleiros* por Ana Maria César Pompeu aparece por duas vezes.

Quanto ao sempre útil índice de autores e passos citados, cuja presença é de valorizar, apresenta, por lapso de formatação, Petrónio como texto da autoria de Plutarco (p. 101). E revela também a falta de uniformidade de critério que perpassa o volume no que respeita à alusão a textos dos *Moralia*: AMCP, quando lhes faz referência, apenas indica a numeração do passo entre parênteses, o que poderá dificultar a compreensão por parte de um leitor que não seja da área; MFS faz sempre preceder a numeração de *Moralia*; MAOP, por sua vez, antecede a numeração da abreviatura do título de cada um dos opúsculos. No entanto, no índice, todos os passos diversamente citados dos *Moralia* aparecem uniformemente sob essa designação.

Bibliografia:

Duff, T. E. (2008), *Plutarch's Lives: Exploring Virtue and Vice*. Oxford: University Press.

Russell, D. A. (1973), *Plutarch*. New York: Charles Scribner's Sons.

Whitman, C. H. (1964), *Aristophanes and the comic hero*. Cambridge-Massachusetts: Harvard University Press for Oberlin College.

ANA MARIA GUEDES FERREIRA

anaguedesferreira@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto /Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0003-1764-8842>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_74_15